O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 35.º N.º 1741
Sábado, 18 de Julho de 1942
VISADO PELA CENSURA

Á MARGEM DA GUERRA

A Inglaterra está reduzindo, cada vez mais, os perigos das minas inimigas, graças às descobertas dos seus cientistas e às flotilhas dos seus caça-minas

A' volta do almejado Congresso da Imprensa Regional

Pronunciando-se sôbre êste magno assunto, que tanto interesse pode trazer à nossa vida, *O Castanheirense*, pela pena dum dos seus colaboradores, dá-nos também a sua opinião, dizendo:

. . . .

Primeiramente temos de analisar a altíssima função dos jornais de província, sem dúvida alguma os formadores do espírito da plebe, os únicos, mesmo, que difundem com maior regularidade os princípios ético-sociais vigentes e que, sendo honestos, procuram exclusivamente o bom senso e carácter do povo. O âmbito e papel da chamada «Grande Imprensa» é diverso destoutra. Aquela tem um carácter geral, acentuadamente especulativo, desde os seus rufiosos noticiários até aos mais obscuros anúncios. Entretanto, e com essa estrutura, ela torna-se indispensável. A «Pequena Imprensa», contràriamente, desce mais ao indivíduo, educando o sensìvelmente melhor, pois ela é mestra que conhece, por via de regra, os seus discípulos, salvo se serve interêsses pessoais ou se, por mercê de influências várias, se atola no famigerado «pasquinismo» que alem de degradante, é susceptível de acarretar conseqüências graves, podendo, mesmo, chegar à perturbação de espíritos fracos ou defeituosamente formados. Mas, para o nosso caso, partimos do princípio que *só deseja viver honestamente quem fôr honesto*. Os outros enfileirarão àparte, pois a companhia dos primeiros não lhes serve.

A' imprensa da província deve Portugal muito dos seus períodos de crise e de acalmia. A orientação das publicações regionais tem sido a base da orientação da maioria da massa popular.

O Estado Novo reconheceu-o logo de entrada e, por isso, o seu inconfundível organismo—Secretariado da Propaganda Nacional—chama a si a «Pequena Imprensa» porque, precisamente, a julga não só indispensável como elevadamente útil. Doutro modo, o S. P. N. só faz bem exercendo desta maneira a sua acção, pois o Bem da Nação é o seu objectivo fundamental. Portanto, não só pelo que até aqui dissémos, estabelece-se que a Imprensa Regional é de interêsse comum, beneficiando a sociedade. Outros elementos nos levariam a argumentar em favor da «Pequena Imprensa» mas, para não demorarmos, dispensamo-nos de apresentá-los. Bastam nos os primeiros.

Pôsto isto, passemos à análise das condições gerais em que vive a Imprensa Regional, iniciando esta parte com uma afirmação que, por verdadeira, se torna dolorosa: A Imprensa Regional vive nas mais precárias condições que possam conceber-se. E porquê?

Ninguém desconhece—perdôem-nos vir bater numa tecla já tão desafinada—que a actual guerra mundial lançou o comércio e a indústria num desiquilíbrio enorme, mòrmente por tudo o que depende de países estrangeiros, beligerantes ou não. E' incontestável que todos os artigos usados na confecção dum jornal sofreram alterações de preço assombrosas, conquanto nem sempre justificáveis. A-par-disto, estão os assinantes (que êles nos desculpem) os que prevaricam, não têm pêjo algum em receber uma série de números, durante um, dois, quatro ou mais meses, sem que paguem as suas assinaturas, cometendo assim uma acção bem pouco digna de gente criteriosa. Juntando a isto os anunciantes que jàmais liquidam os seus débitos... temos de concluir que a vida da «Pequena Imprensa» é bem pouco risonha e franca.

A-propósito de anúncios, lembra nos o que sucede com os judiciais. E' incompreensível que os grandes jornais cobrem linha a linha uma importância x por êstes anúncios, enquanto os pequenos fazem a sua publicação, se não de graça—o que freqüentemente tem de suceder—pelo menos sujeitos a receberem o que lhes é devido passado um tempo infinito e depois do cumprimento de formalidades dispendiosas.

Como corôa de tudo isto, temos as taxas postais que vieram agravar a situação da «Pequena Imprensa» duma maneira impressionante.

Verdade insofismável, que ninguem pode contestar!

Todavia, não poderão remediar-se alguns dos males de que enferma a actual organização da Imprensa Regional portuguesa? E' a esta pregunta que até ao fim do nosso escrito de hoje nos propomos responder.

O Estado Novo, resultante da acção de Salazar, ergue-se sôbre um sistema corporativo cujo valor se vem demonstrando dia a dia.

Grémios e Sindicatos têm sido criados para cumprimento da orgânica corporativa. No entanto a Imprensa Regional não tem o seu grémio o que equivale a dizer que não tem possibilidade de defender-se. E' necessária a sua criação? Quem o duvida? Por ser uma necessidade intuïtiva é que muitos dos nossos colegas têm tratado com afinco dêste assunto e entre êles é justo destacar *A Defesa de Espinho, O Figueirense, O Democrata* e tantos outros. Como se tornava absolutamente necessário passar das palavras à acção, o nosso confrade *O Povo da Beira*, da ilustre direcção do sr. dr. Melo e Castro, chamou a si o encargo de iniciar os primeiros trabalhos para a realização do Congresso da Imprensa Regional, circulando a todos os jornais da província nêsse sentido e do resultado das respostas, estamos certos, alguma coisa de positivo deve resultar. Tem aquele nosso colega o nosso franco apoio.

O futuro Congresso, na opinião de alguns nossos colegas e igualmente na nossa, deve realizar-se em Coimbra, por ser um ponto central e a sede indicada do futuro Grémio da Imprensa em questão. Não queremos, ainda assim, deixar de dizer que qualquer outra cidade escolhida merece o nosso apoio e se citamos Coimbra, especialmente, é pela razão indicada: ponto de concorrência onde fàcilmente se deslocam. Além disso, é de crer que alguns dos prestigiosos jornais daquela cidade tome a seu cargo a organização do Congresso, o que será um valiosíssimo auxílio.

O Castanheirense, achando-se, como se vê, integrado no movimento, fala com a máxima clareza, com precisão, com inteiro conhecimento de causa. Assim os demais colegas se pronunciassem, dizendo, igualmente, da sua justiça. Para efeitos de balanço e de se saber com quem se pode contar...

Campanha de Produção Agrícola

Prossegue com o maior desenvolvimento por parte do Serviço Editorial da Repartição de Estudos e Propaganda, tendo sido publicados mais alguns folhetos de reconhecida utilidade.

Com vista aos lavradores, em especial.

Montes de sal

Crescem a olhos vistos, devido ao tempo correr propício aos trabalhos das marinhas.

Aqui está um produto da ria que deve dar, êste ano, muito dinheiro.

Fim de curso

Terminou os seus estudos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, formando-se em Filologia Germânica, o nosso conterrâneo António Pinto da Rocha e Cunha, filho do sr. comandante Silvério da Rocha e Cunha.

As nossas felicitações.

NA VILA DE VAGOS

A consagração póstuma de João Grave perante o povo da sua terra

Foi revestida da maior solenidade a inauguração da *Biblioteca Municipal João Grave* na airosa vila onde o jornalista, escritor e poeta nascera e de cuja homenagem se encarregou o município ao qual dignamente preside o sr. dr. Manuel Martins Lavajo.

Pelas 17 horas abriu a sessão o sr. Arcebispo-Bispo da diocese, que tinha a ladeá-lo os srs. dr. Greck Torres, secretário geral do govêrno civil de Aveiro; desembargador Melo Freitas, Francisco Araujo e Sá, coronel Gaspar Ferreira, Artur de Magalhães Bastos e D. Lucília Aranha Grave, viuva do saüdoso extinto.

Falou em primeiro lugar o sr. dr. Martins Lavajo, que, enaltecendo a memória de João Grave, explicou os motivos que levaram a Câmara a prestar-lhe a homenagem a que tinha direito, terminando por agradecer a comparência de todos quantos quizeram dar-lhe a honra de assistir ao acto, imprimindo-lhe o maior relêvo.

Seguiu-se o descerramento do medalhão, primorosamente executado pelo escultor, nosso conterrâneo, Romão Júnior e de que fôra encarregada a sr.ª D. Lucília Grave, recitando um soneto alusivo a sr.ª D. Maria Tereza Graça, interessante filha do engenheiro director das estradas do distrito, sr. Almeida Graça. Depois, os srs. António Duarte Vidal, Diniz Gomes, dr. Frederico de Moura e dr. Mário Esteves falam sôbre a vida e obra de João Grave, que põem em destaque como reveladora duma rara actividade literária, citando alguns dos seus livros, especialmente *Os famintos* e *Eterna mentira*, recebendo muitos aplausos.

Por último, usou da palavra o sr. D. João de Lima Vidal para pôr em evidência o valor cultural e a função social das bibliotecas, acabando por prestar homenagem ao ilustre vaguense pela maneira como se conduziu em vida, adquirindo honroso prestígio.

Encerrada a sesão nesta altura, dirigiram-se os convidados para outra dependência do edifício camarário aonde lhes foi servido um *Vinho de Honra*, recebendo, por essa ocasião, o sr. dr. Martins Lavajo e a comissão que levou a efeito a instalação da Biblioteca João Grave merecidos elogios.

Cartas a uma amiga de longe

Julho, 1942

Minha querida:

Este ano a falta da gasolina e de carvão e conseqüentemente a dificuldade de transportes, vem transtornar grandemente as deslocações. Não me refiro aos prejuízos tremendos que para tantos essa falta representa, pois isso tem sido discutido e é de todos os dias, mas sim ao desarranjo que ocasiona àqueles que, trabalhando o ano todo, sem férias, nem dias feriados, costumavam, ao domingo, ir espairecer um pouco. Nêstes maravilhosos dias de verão, de sol a jorros, que bem sabiam êsses passeios semanais, para a praia, para o campo, para algures onde se encontrasse um ambiente diferente do de todos os dias!

Nem o homem é uma máquina, cujo fim único é produzir trabalho, nem a vida uma infinidade de dias todos iguais. Todos precisam de se distraír e procurar coisas novas, que façam esquecer por momentos, ao menos, as agruras e dificuldades da existência. Se não fôssem os *bons bocados*, como poderíamos nós suportar e resistir aos maus?

Foi pena que nenhum conservador se não mostrasse fiel à mala-posta. Que geito ela faria agora e como nós, habituados às grandes velocidades e ao ruído antipático dos motores, acharíamos graça à marcha lenta dos cavalos, todos vistosos nos seus arreios novos e no tilintar alegre das guizalheiras!..

No domingo fui aos touros a Espinho e no caminho da praça vi imensos carrinhos puxados a cavalos. E como já não somos do tempo dêles, não supões a graça que lhes acho, o pitoresco que lhes encontro. Muito envernizados, muito vistosos, davam, até, mais significado aquêle espectáculo. A praça estava *à cunha* e a emprestar-lhe maior encanto, nem faltaram as espanholas, um grupo de raparigas, animadas e vistosas nas suas mantilhas e mantons. Por tôda a parte *aficionados* entusiastas... Que espectáculo alegre e emocionante! Absorvida na lide e na arte de tourear, dominada com o sangue-frio e com os pulsos de muleta dos *diestros*, Simão da Veiga e Núncio, fazem-nos esquecer, entusiasmando-nos, que a morte os espreita e o touro os ameaça no redondel. E o espada? Que desamor pela existência! Mas o drama da lide é mascarado com a música, com os ditos chistosos da assistência, com as peripécias da corrida, com as côres garridas das *toilletes* dos toureiros e .. com o sol e môscas.

Quanta gente mais daqui não teria ido a Espinho se houvesse as facilidades de antigamente... Mas, desgraçadamente, há dois comboios, apenas, um cêdo demais, outro que chega tarde já. Foi-se a gasolina, há poucos comboios. Venha a deligência suprir essas faltas. E quem sabe se o seu aparecimento contribuirá para o ressurgimento da expontânea sociabilidade que, no dizer de Antero de Figueiredo, se vai perdendo, *apesar de todos os progressos da civilização*.

Um abraço da

Zèmi

Sport Club Beira-Mar

Realizou-se, segunda-feira, a Assembleia Geral desta colectividade, para eleger os seus novos corpos gerentes, que ficaram assim constituidos:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, dr. Armando Rodrigues Simões; *vice-presidente*, dr. Luís Regala; *1.º secretário*, Virgílio Veiga; *2.º*, Manuel Moreira de Castro.

CONSELHO FISCAL

Arnaldo Estrela dos Santos, Elisiário Moreira Júnior e Elias Gamelas de Oliveira Pinto.

DIRECÇÃO

Presidente, dr. António Cristo; *vice-presidente*, Eduardo Ala Cerqueira; *tesoureiro*, João Evangelista Sarabando; *1.º secretário*, José de Oliveira Ferreira; *2.º*, João da Graça; *vogais*, Carlos Matos Souto, Décio Ala Cerqueira, Cravo Machado e Alberto Pires.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Êrro judiciário

—o—

Tendo-se apurado que certo indivíduo, do Funchal, esteve 8 anos prêso, inocentemente, na Penitenciária de Lisboa, sob a argüição de haver assassinado o sogro, vai êle agora receber a importância de 550 contos por êsse sofrimento iníquo, o que dalguma forma deve concorrer para passar melhor o resto da vida.

Pelo menos, é de presumir...

A gasolina

Cada vez há menos, pelo que continuam as restrições, obrigando os carros utilitários também a parar e as camionetes de carreira a reduzir as suas viagens.

E se ficar só por aqui...

De visita

Estão nesta cidade a gozar alguns dias de licença junto das suas famílias, os srs. tenente Gumerzindo da Silva e furrieis Fernando do Amaral e Carlos Teixeira, que têm sido muito cumprimentados. Pertencem todos à guarnição dos Açores, para onde seguiram com o nosso 10, e a quem desejamos manifestar, também, a nossa simpatia, cingindo-os num apertado abraço.

Contas Públicas de 1941

Publicou o *Diário do Govêrno* o relatório das Contas Públicas de 1941. É a segunda vez que o sr. dr. Costa Leite (Lumbrales) apresenta contas de gerência totalmente decorrida sob o vendaval da guerra. Um saldo de 195.000 contos, não muito avultado por certo, mas prova de quanto a gerência da Fazenda Pública foi severa e vigilante, encerrou o ano de 1941. As receitas ordinarias e extraordinárias foram de 3.026 milhares de contos e as despesas ordinárias ascenderam a 2.831 milhares de contos.

Dá o relatório notícia do comércio externo português e da extraordinária valorização de alguns produtos (à cabeça dos quais está o volfrâmio) que, em todo o caso, não compensa os prejuizos da guerra. «Fortes e unidos na nossa fé e nos princípios nacionais que proclamamos, poderemos—conduzidos por guia que não erra o caminho — chegar ao termo desta jornada difícil com fôrças para andar mais e melhor» — diz o sr. Ministro das Finanças, a fechar o seu notável relatório. Estas palavras são um lema e um programa.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Aos contribuintes

Chamamos a sua atenção para os pagamentos a efectuar durante o corrente mês na Repartição de Finanças, de modo a evitar gastos superfluos. *Produzir e poupar*, é a divisa actual, de Salazar. Nada, portanto, de esquecimentos prejudiais.

O REI TOMA PARTE NA FESTA

Na conservadora Inglaterra — país que observa rigorosamente as suas tradições — todos os casais têm o direito de receber um telegrama de felicitações dos reis, quando provem ter completado as suas *bodas de ouro*.

Em 1928, 180 casais receberam o cobiçado telegrama. Dez anos depois, o número dos felizes pares subiu a 745.

EXAMES

No Liceu de José Estêvão concluiu o 7.º ano de ciências, ficando distinto, o aplicado estudante João Gaioso Henriques que, como presidente da Academia, honrou o nosso primeiro estabelecimento de ensino.

Com as nossas felicitações, extendidas a seus pais, António H. Máximo Júnior e esposa, muito estimamos que na Universidade, que vai freqüentar, os seus triunfos continuem a assinalar-se.

Carta de Lisboa

Chefe do Estado

Passou, há pouco, mais um aniversário—o 16.º—da chegada do sr. General Carmona à chefia do Estado. Foi há 16 anos que numa hora indiscutìvelmente difícil para a vida da Revolução Nacional, o sr. General Carmona foi compelido com evidente sacrifício da sua comodidade pessoal, a assumir a suprema magistratura da Nação.

Desde então, Portugal tem na sua história algumas das melhores e mais gloriosas páginas.

Sob a égide do sr. General Carmona, o Estado Novo tem realizado uma obra a todos os títulos crédora da gratidão nacional.

Sem a suprema magistratura do venerando homem de Estado, a obra de Salazar teria, pela certa, encontrado muito maiores e mais graves dificuldades no seu caminho.

Graças ao sr. General Carmona e à patriótica e decidida colaboração que tem prestado à acção de Salazar, o sr. Presidente da República faz jús à admiração e agradecimento de todo o país.

O novo empréstimo

Com a rapidez já costumada, foram cobertas, em pouco tempo, as três primeiras séries dum empréstimo de 3 %.

Todavia, porque, como se acentua no relatório do decreto-lei n.º 32.081 «não obstante a reabsorpção operada pela rápida cobertura daquele empréstimo, continua a verificar-se no mercado um acentuado excesso de meio circulante, julga o Govêrno dever intervir novamente, agora como uma operação de maior vulto e de mais largos resultados.»

Por isso mesmo, vai proceder-se à emissão da 4.ª série do empréstimo, no valor de cem mil contos.

Assim, mais uma vez se afirma e acentua não apenas o valor da política financeira do govêrno de Salazar, como também a confiança de que a mesma continua a ser objecto em todos os meios.

O novo empréstimo e a maneira rápida como êle foi coberto, é mais uma grande e expressiva prova de confiança.

CORDEIRO GOMES

Bolsas de Estudo

Como já foi anunciado pela imprensa e por outros meios, está aberto o concurso para 5 bolsas de estudo que o Govêrno Italiano, por intermédio do Instituto de Cultura Italiana em Portugal, põe à disposição dos estudantes portugueses, que sejam licenciados ou a licenciar, mas com tôdas as cadeiras regulares do seu curso já completas.

A apresentação de pedido e relativos documentos, que terminava a 15 do corrente, foi prorrogado até o dia 20, para maior comodidade dos interessados.

Os concorrentes devem apresentar o pedido e os documentos ao Instituto de Cultura Italiana em Coimbra, Av. Navarro 59, que está pronto a dar todos os esclarecimentos precisos.

Baile nos "Galitos,,

Realizou-se na noite do último sábado a anunciada *soirée* a que assistiram, dançando até à madrugada seguinte, muitas das nossas tricaninhas, que, com o seu donaire, a frescura da sua mocidade e a garridice das suas *toilettes*, deram ao ambiente uma nota de distinção.

O elemento masculino, com Nuno Meireles à frente, estava bem representado e o *Vista-Alegre Jazz* não desmereceu dos seus créditos.

Enfim: o *Sonho ao Luar*, foi um sonho...

Lamentável

Dos Açores foi transmitida para esta cidade a notícia de haver perecido, afogado, na Praia da Vitória, o furriel miliciano Aníbal Gomes de Oliveira Reis, pertencente ao Batalhão Expedicionário de Infantaria 10.

O desventurado moço, natural do concelho de Oliveira de Azemeis, completara, há pouco, 23 anos e foi vítima da sua abnegação, pois perdera a vida ao salvar um soldado.

A triste ocorrência causou emoção nesta cidade, onde era muito conhecido.

A descoberta do papel para impressão de jornais

Carlo von Kugelgen, escreveu, há dias, um artigo, que, por ser de interêsse para o leitor, não deixamos de transcrever:

A «União das Associações Nacionais de Jornalistas» realizou, há pouco, o seu congresso em Veneza. Dois novos associados vieram juntar-se às associações de jornalistas das potências do Eixo e das nações suas aliadas: a Espanha e a Noruega. Os jornalistas, ali reünidos, anunciaram, com inteiro apoio dos govêrnos dos seus países, uma nova época para a imprensa, na qual o jornalismo deixará de estar ao serviço do ódio e da desünião dos povos, para se entregar a uma missão de compreensão e unidade de tôdas as nações. Neste sentido, a imprensa de cada país deve pertencer às melhores fôrças da nação e não a potentados internacionais.

Tôda a gente sabe que foi Johannes Gutemberg, de Mainz, quem, no século XV, inventou os caracteres de imprensa e a máquina para a impressão de livros. A revolução que a palavra impressa veio trazer ao mundo tem nele as suas origens. Hoje, porém, são os jornais e revistas que desempenham um papel predominante nos domínios da palavra impressa. Foi, de facto, Friedrich Gotllob Keller, tecelão da Saxónia, quem fabricou, pela primeira vez, há cem anos, esta espécie de papel. Já na antiguidade, os chineses fabricavam papel com uma massa fibrosa diluida em água, ao passo que os romanos e gregos se contentavam com placas de barro ou de cêra e os egípcios com fôlhas de papiro coladas, para fazerem o seu papel de escrever. A descoberta dos chineses chegou até à Europa Central através dos árabes de Bagdad e da Espanha. Já nos séculos XIII e XIV havia fábricas de papel famosas. Estas utilizavam, como ainda hoje acontece, a pasta de trapo desfeito em água, colocando-a sôbre placas de feltro. Fabricavam, assim, o papel de linho, hoje considerado como o mais distinto dos papeis.

Com o crescente emprêgo de papel começou a sentir-se cada vez mais a falta de matérias-primas (trapo), e procuraram-se fibras de tôda a espécie que substituíssem essa matéria-prima. Foi então que o citado tecelão da Saxónia descobriu que as aparas mais finas, que haviam caído numa poça de água durante o aplainamento de um pedaço de madeira, se transformavam numa espécie de papel, depois de secarem. Como acontece a tantos inventores, Keller não tirou qualquer lucro do papel de madeira por si descoberto, cuja exploração só foi desenvolvida com o aparecimento dos modernos jornais. Ainda hoje a madeira de abêto é transformada mecânicamente em «aparas de madeira». O fabrico de papel fez ,evidentemente, progressos consideráveis. Para se ter uma ideia dêsse desenvolvimento basta ter visto durante a sua laboração uma dessas máquinas de fabricar papel, com cêrca de 30 metros de comprido, na qual, de um lado, corre fita sem fim do papel já pronto a ser usado. A base dêste processo perfeito continua, contudo, a ser a madeira de abêto desfibrada.

Hoje, um século depois da invenção de Friedrich Gotllob Keller, nota-se, de novo, uma certa falta de matérias-primas para a fabricação de papel, porém, agora isso deve-se ùnicamente ao facto da celulose da madeira ter encontrado aplicação na satisfação de muitas necessidades do homem, de que são exemplo as aplicações na confecção de tecidos.

R.

Problemas de Aveiro

CÃIS

Trataremos nesta secção de alguns problemas citadinos que, directamente, dizem respeito à disciplina social e que, portanto, particularmente interessam à tranqüilidade, ao sossêgo dos respectivos habitantes.

Hoje abordaremos o têma dos cãis, que infestam as ruas da cidade, por entendermos que é a estação calmosa a mais propícia para o desenvolvimento da raiva. Claro que esta questão é de extrema dificuldade para ser resolvida eficientemente, a contento de todos, não só porque a maioria dos cãis que por aí andam têm dono, não são vadios, como ainda, porque, para debelar o mal, é necessário entrar um pouco no campo da violência, cumprindo e fazendo cumprir, com vigia e escrúpulo, as determinações da lei a que estão afectos. Entretanto, muito se pode conseguir, disciplinando os habitantes, donos de cãis, obrigando-os a açamar os animais quando êstes transitam pelas ruas e a serem portadores de coleiras onde se encontre gravado o número da licença camarária e a vaciná-los nos postos respectivos. Não basta cumprir, apenas, uma ou outra destas disposições; será necessário cumpri-las em conjunto, integralmente, porque são taxativas na lei.

Muitos exemplos poderiamos citar àcêrca de factos que têm ocorrido por essas ruas, cotidianamente, com a liberdade e indiferença que se tem dado à canzoada e muito especialmente aos donos dos cãis.

Mas não é só nas ruas, é também nos quintais e pátios que os cãis incomodam a população, ladrando e uivando durante tôdas as noites, não deixando descansar quem tem direito ao repouso depois de um dia fatigante de trabalho.

Sabemos que a polícia tem sido impertinente e rigorosa no cumprimento da lei, perseguindo e multando os infractores, e isso dá-nos aqui ensejo a rendermos o mais caloroso elogio pela forma inexorável como dá cumprimento às suas disposições.

Resta que a Câmara Municipal e os Serviços Pecuários conjuguem os seus esforços no mesmo sentido, a primeira fazendo saír amiüdadamente a rêde e a jaula numa ofensiva constante contra o cão da rua, estabelecendo planos estratégicos, de modo que se torne eficiente o ataque e que os *raids* sòmente sejam conhecidos de quem os executa no momento da partida para não ser dado aviso prévio aos donos; e a segunda intensificando as ordens de vacinação.

Veremos se com êstes preliminares se consegue eliminar um pouco a canzoada e obrigar os respectivos donos a adquirirem a noção do respeito colectivo.

BAKUNINE

Circo Ferrony

O espectáculo de terça-feira, dedicado pelo *regisseur* da Companhia, Gabriel Infante, que realizou a sua festa artística, aos *Sport Club Beira-Mar* e *Club dos Galitos* e à imprensa, foi uma demonstração do valor dos artistas que nele tomaram parte e se distinguiram pelos seus arriscados trabalhos acrobáticos. Por isso, a assistência, que completamente enchia a casa, ovacionando-os, não fez mais que o seu dever.

Secção Desportiva

Foot-ball

Em jogo de passagem, defrontam-se, àmanhã, no Estádio Mário Duarte, o *Estoril Praia*, campeão nacional da II Divisão, de Lisboa, e *Leça F. Club*, último classificado da I Divisão, do Porto.

Principiará às 18 horas.

Remo

Efectuando-se àmanhã, no rio Douro (cais do Bicalho) os Campeonatos Nacionais desta modalidade a que concorrem *équipes* de Setubal, Lisboa, Figueira da Foz, Vila do Conde, Viana do Castelo e doutras terras, Aveiro far-se-á representar pelo *Club dos Galitos*, que enviará ao Pôrto alguns dos seus melhores remadores afim de tomaram parte em algumas provas na categoria de *seniors*.

Os aveirenses vão esperançados em trazer para a sua terra e para o *Club dos Galitos* mais algumas vitórias o que sobremaneira nos honraria e será um incentivo para continuar a manter-se tão salutar desporto dentro da prestimosa agremiação.

Que a felicidade os acompanhe, são os nossos desejos.

A.

Doenças dos olhos

Encontram-se suspensas, até meados de Outubro, as consultas que, aos sábados, vêm dar ao nosso Hospital os srs. drs. Abílio Justiça e Cunha Vaz, médicos especialisados em doenças dos olhos, com consultório em Coimbra, o que se leva ao conhecimento dos interessados.

Oportunamente designamos a data em que os distintos clínicos retomarão as consultas nesta cidade.

Exames de admissão aos Liceus

Os exames de admissão aos liceus realizam-se nos dias 22, 23, 24 e 25 dêste mês.

As provas de desenho à vista, sem sombras, são classificadas em cinco classes, considerando-se a simetria, as proporções, a firmeza do traço, a verosimilhança da figura e a perspectiva escala de julgamento assenta em normas especiais que são publicadas no livro *Noções de desenho à vista*, dos professores Rodrigo de Castro e dr. Adolfo Faria de Castro, a sair ainda esta semana, com numerosas estampas.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: àmanhã, a sr.ª D. Gabriela Julia de Melo Rebelo, actualmente em Espinho; no dia 20, a sr.ª D. Josefina de Azevedo Carvalho, esposa do sr. José Maria dos Santos Carvalho, residente na capital; em 21, a sr.ª D. Celeste Correia Cascais, esposa do sr. Raúl da Silva Cascais; em 22, a sr.ª D. Maria da Encarnação Soares, professora oficial e esposa do sr. Amadeu Rodrigues da Paula, e o nosso amigo Manuel Mano, funcionário dos correios em Lourenço Marques (Africa Oriental); em 23, a sr.ª D. Alice de Brito T. Pinto, residente no Pôrto, e o nosso distinto colaborador dr. Alberto Souto, director do Museu; e em 24, os srs. capitão António Rodrigues Morais e Tércio da Costa Guimarães, comerciante local.

Gente nova

Na capela do Paço Episcopal foram baptisados, domingo, pelo sr. Arcebispo-bispo da diocese, os meninos António José e Maria José, filhos do sr. José da Silva Justiça Júnior, chefe dos electricistas dos Serviços Municipalisados e de sua esposa.

Serviram de padrinhos, respectivamente, os srs. eng. Rogério Baptista Gonçalves Ferreira, de Lisboa, e Manuel Cravo Júnior e as meninas Carolina de Lemos e Magna Amaral, tendo assistido outros convidados.

Desejamos-lhes um futuro venturoso.

Partidas e Chegadas

A gosar a sua licença está em Aveiro, com sua esposa, o nosso conterrâneo Joaquim Huet e Silva, ajudante de Finanças em Ponte do Lima.

—Também cumprimentámos nesta cidade os srs. Platão Mendes, reporter fotográfico do Primeiro de Janeiro, do Pôrto, e João Godinho de Almeida, empregado do Banco Borges & Irmão, da mesma cidade; dr. António Vicente, médico em Bustos e Alexandre Gigante, de Viana do Castelo.

Praias e termas

Partiu ontem para Melgaço, a-fim-de fazer uso das águas, o nosso presado amigo António Madail, do próximo lugar de Verdemilho.

—Na praia do Farol encontra-se a veranear a família do nosso amigo Francisco Pereira Lopes.

Doentes

Em via de restabelecimento, regressou da Mourisca a interessante Maria José da Silva Dias, filha do sr. João Jerónimo Dias.

Assembleia Geral Extraordinária

DE A CONFIANÇA

Companhia Aveirense de Seguros

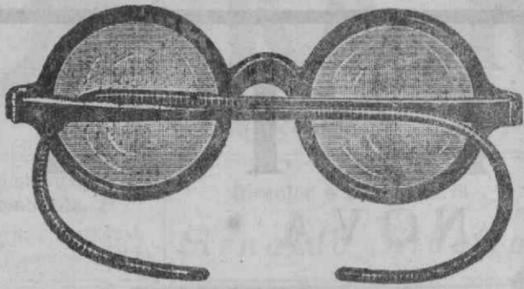
S. A. R. L.

Na ausência do Ex.mo Presidente, no estrangeiro, e a requerimento da Direcção, convido os Senhores accionistas desta Companhia, a reünirem-se em Assembleia Geral Extraordinária, no dia 3 do próximo mês de Agosto, pelas 15 horas, na sede da Companhia.

Os fins da reünião são: a reforma dos Estatutos, aumento do capital social e a mudança da sede.

Aveiro, 14 de Julho de 1942.

O Primeiro Secretário da Assembleia Geral,

João Gonçalves Madail

NA GUERRA

O valor do momento-surpreza

Os japoneses colocaram a surpreza como um factor decisivo no comêço das suas operações de desembarque, conseguindo, assim, um avanço insuperável na luta pelo domínio do Pacífico. Também no decorrer das operações demonstraram êles saber aproveitar a surpreza. Quando e onde o seu avanço ameaçava parar na península da Malaya, quando encontravam uma linha de resistência inimiga, venciam as dificuldades e continuavam o avanço procedendo a desembarques de surpreza em lugares em que se julgava seguro pelas condições naturais. Ao seu lado também estavam a espertesa e a persistência.

O momento de surpreza representa também de outras formas, na presente guerra, um papel muito importante com uma série de êxitos de surpreza estratégicos de importância e tácticos. Tanto a campanha da Polónia como a da França-Bélgica e da Rússia Soviética fôram conduzidas por um ataque unido e de surpreza, de esquadras de aviões de bombardeamento e de bombardeamento a pique, contra os campos de aviação, quarteis de comando, centros de comunicações e de reabastecimento inimigo. Provocou-se, assim, de golpe, uma eliminação durante dias, mesmo semanas, da aviação inimiga bem como uma indiscritível confusão no mecanismo de comando, nos movimentos de concentrações e serviços de reabastecimento. Pelo emprêgo surpreendente de paraquedistas fôram ocupados em Maio de 1940 o forte de Eben Emael, a mais forte fortaleza da defeza belga do Mosa, e a fortaleza de Holland.

Mais surpreendente ainda foi, talvez, um mês antes, o desembarque de unidades do exército alemão, por mar e por terra, na costa da Noruega, justamente no momento em que o exército britânico se preparava para proceder a semelhante operação.

Há, evidentemente, muitos meios de «momento-surpreza». Não é suficiente o «iludir» sôbre a hora e local do ataque, sob condições atmosféricas nas quais os mesmos experientes acham impossível uma luta, de noite e com névoa, tempestades de neve ou grandes aguaceiros, caindo sôbre o inimigo; também se pode vencê-lo, com o emprêgo de modernos carros de combate. A primeira aparição dos tanques durante a Guerra Mundial são um exemplo convincente disto. O seu êxito de rompimento foi devido ao mêdo que podiam causar, às equipagens das trincheiras, êstes colossos de aço vomitando fôgo.

Não é sòmente um Generalíssimo que tira proveito da surpreza, mas também todo o chefe militar. Por exemplo: o chefe duma patrulha de choque que cái na terra de ninguém, sôbre um pôsto de observação ou escuta inimigo; o caçador de carros blindados que, escondido no mato, se coloca numa curva da estrada pronto a fazer fôgo e espreita a passagem de carros blindados; o sapador que, saltando por cima da coberta dum fortim, atira, pelo respiradouro do mesmo, a sua carga destruídora para o interior, todos êles esperam que a sua surpreza paralise o inimigo, aumentando assim as suas probabilidades de vitória. E todos êles conseguem obter êxito.

R.

Agradecendo

Gabriel Infante, *regisseur* do Circo Ferrony, agradece aos que o honraram com a sua presença na noite da sua festa, em especial às direcções dos *Club dos Galitos* e *Sport Club Beira-Mar* e aos representantes da Imprensa, essa prova de atenção, que jámais esquecerá.

Aveiro, 16 de Julho de 1942.

Visitai o Parque da Cidade

Agradecimento

Silvério Ribeiro da Rocha e Cunha e sua família, julgam ter agradecido a tôdas as pessoas que tiveram a bondade de lhes enviar condolências pelo falecimento de seu filho e irmão José Eduardo Pinto da Rocha e Cunha. Podendo, porêm, ter cometido qualquer omissão, involuntária, pedem desculpa e apresentam o seu comovido agradecimento às pessoas que, por aquêle motivo, não o tenham recebido.

Aveiro, 14 de Julho de 1942.

Agradecimento

Manuel Ferreira, dos C. T. T., e família, na impossibilidade de agradecerem a tôdas as pessoas que se incorporaram no entêrro de sua esposa, devido à falta de endereços, vêm por êste meio reparar qualquer falta, embora involuntária.

A todos, pois, incluindo visinhos e pessoas amigas que lhes prestaram serviços, aqui deixam expresso o seu reconhecimento.

Aveiro, 14 de Julho de 1942.

Comarca de Aveiro

Arrematação

2.ª publicação

No dia 1 do próximo mês de Agosto, por 12 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, à Praça da República, e nos autos de acção de divisão de causa comum em que são requerentes José Joaquim da Silva e mulher Ana Luisa de Jesus, proprietários, do lugar e freguesia de Esgueira, desta dita comarca e são requeridos Júlia dos Santos Vigário, viuva, doméstica, da Avenida Central, desta cidade— Maria d'Ascenção Gilzans, que também usa o nome de Maria da Ascenção dos Santos, viuva, doméstica — Maria da Conceição Gilzans, doméstica, e marido Manuel de Oliveira Freire, ferroviário, êstes de Alfarelos, comarca de Soure — Rosa Gilzans, doméstica e marido, João Gonçalves Magalhães, comerciante, do dito lugar e freguesia de Esgueira — João Gilzans dos Santos, comerciante e mulher Libânia Martins Farto, doméstica—Júlia Gilzans dos Santos, solteira, maior, doméstica — Hermenegilda Gilzans dos Santos, doméstica e marido João Viana, ferroviário e Isabel Gilzans dos Santos, solteira, emancipada, doméstica, êstes também de Alfarelos, vão ser postos em praça, para serem arrematados por quem maior lanço oferecer, acima dos seus respectivos valores, abaixo indicados, os seguintes prédios:

Uma casa de dois pavimentos, quintal e pertenças, sita em Esgueira, na Travessa Sara de Matos, inscrita na Conservatória desta comarca sob parte do n.º 1395 e inscrita na matriz predial urbana respectiva sob o art.º 47 com o valor de 33.480$00;

E uma casa de dois pavimentos, pátio e pertenças, em Esgueira, na Rua 5 de Outubro, inscrita na dita conservatória sob o art.º 6.695 e inscrita na matriz predial urbana respectiva sob o art.º 68, com o valor de 14.080$00.

Aveiro, 6 de Julho de 1942.

Verifiquei

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção 2.ª Vara

António Augusto dos Santos Victor

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	20$00
Semestre . . .	10$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$40

Os recibos, cobrados pelo correio, são acrescidos de mais 1$00

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Atenção para a 4.ª página

Ourivesaria Lopes, Suc., L.da

Por escritura de 8 do corrente, lavrada nas notas do notário desta cidade, Dr. Adelino Simão Leal, foi constituida uma sociedade por cótas, entre José Augusto Rodrigues de Almeida e Adelino Pinto Miguel, nos termos dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação *Ourivesaria Lopes, Sucessores, Limitada*, e tem a sua sede em Aveiro.

2.º

O seu objecto é o comércio de ouro e prata e produtos que usualmente lhe são inerentes, além de outros que se resolva explorar.

3.º

A duração da sociedade é por tempo indeterminado, tendo tido o seu começo em 1 do corrente mês e ano.

4.º

O capital social é de 50.000$00 em dinheiro, já totalmente realizado, dividido em duas cótas iguais, pertencendo cada uma a cada um dos sócios.

5.º

Não é permitida a cessão de uma cóta sem consentimento do dôno da outra cota. Igualmente fica proibida a divisão de cótas, a não ser no caso de herança e sucessão.

6.º

A gerência será exercida pelos dois sócios e todos os documentos que obriguem a sociedade serão assinados por ambos, como os cheques para levantamento de dinheiro, por ventura depositado. Os gerentes representarão a sociedade em juizo e fora dele, activa e passivamente.

7.º

Os gerentes são dispensados de caução e ambos ficam encarregados da Caixa da sociedade, mas a escrituração, que deve andar sempre em dia, será feita por empregado competente, retribuido pela sociedade. A gerência é gratuita.

8.º

Os balanços serão fechados no prazo de 10 dias, a contar do último dia do ano social, e serão logo assinados e aprovados pelos dois sócios ou, no caso de não aprovação, a dúvida será resolvida por um árbitro de escolha dos dois sócios, e o seu laudo obrigará, correspondendo à aprovação para tornar o balanço executório.

9.º

Os lucros ou as perdas, tirados 5% para o fundo de reserva, serão divididos igualmente.

10.º

No caso de falecimento ou interdição de algum sócio, ficam com representação na sociedade os seus herdeiros, nomeando um que os represente, ou será liquidada a sua parte conforme balanço que se realizará, conforme o que convier ao sócio sobrevivente.

11.º

A dissolução, além dos casos da lei, por acôrdo só se operará quando se verificar a incompatibilidade entre os dois, que torne impossível a vida da sociedade.

12.º

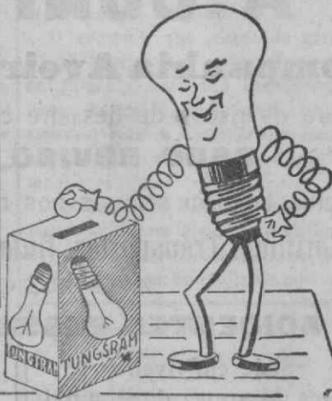
A liquidação, feito o balanço, far-se-á por licitação entre os dois sócios.

13.º

Em todo o omisso regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e mais legislação aplicável.

Aveiro, Secretaria Notarial, 9 de Julho de 1942.

O ajudante da Secretaria,

Raul Ferreira de Andrade

A Finlândia e o seu inimigo

por DIAS DA COSTA

O povo finlandês, com o actual conflito, voltou a estar em armas contra o seu adversário de sempre—a Rússia. Se contarmos os períodos que duraram as sucessivas guerras da Finlândia contra a Rússia, dêsde os tempos do passado, obtemos um total de 100 anos até 1940. Senão vejamos: teve início em 1240, seguindo-se sucessivamente pelos anos de 1323, 1495, 1570 a 1595, 1611 a 1617, 1650, 1700 a 1721, 1741-42, 1788 a 1790, 1808-9, 1918 a 1920, 1922 e ùltimamente desde 1939.

Os primeiros encontros entre finlandeses e russos tiveram lugar perto de Nowgorod. As relações, então, entre os dois povos não eram boas e as condições de tráfico e intercâmbio eram muito reduzidas. Datam dos fins do século XII as fontes históricas àcêrca das relações entre os finlandeses e os russos. Nessas fontes históricas, as primeiras descrições que se encontram referem-se à tomada da cidade de Turku, pelos russos, em 1198. Os finlandeses orientais, da Carélia, eram então aliados dos russos, mas depressa se tornaram inimigos. E' que os russos, ao entrarem no território inimigo, procediam tal como em território inimigo, incendiando aldeias e casas, e levavam mulheres e crianças, que vendiam depois como escravos. Êste procedimento, que em nada demonstrava amizade, acabou por afastar os carelianos dos aliados russos e aproximá-los dos finlandeses.

Mais tarde, com o tratado de paz de 1617 assinado em Stolbova, estabeleceu-se a fronteira que separou o Oriente da civilização ocidental. A-pesar-disso, viviam numerosos finlandeses do outro lado da fronteira, na denominada Carélia oriental. E o que sucedeu a êstes? Em vez de as autoridades tentarem russificá-los fizeram pior; os finlandeses eram perseguidos e muitos fôram mortos.

A inimizade entre finlandeses e russos passou, então, a aumentar cada vez mais. Até que em 1809 e até 1912, o Tzar publicou as leis que deviam pôr têrmo à independência finlandesa. E assim começou, pouco antes da Grande Guerra, uma russificação da população finlandesa, indefesa. Os finlandeses mantinham-se inabaláveis atrás dos seus direitos nacionais. E durante a Grande Guerra, o povo finlandês lutou ao lado do exército alemão contra a Rússia, constituindo o regimento de caçadores finlandeses.

Desde que os bolchevistas se apoderaram do govêrno, as suas relações com os finlandeses fôram sempre frias. O ataque dos sovietes de 1939 contra a Finlândia, e as bombas lançadas em 1941 mostraram as verdadeiras intenções dos bolchevistas. Por isso a Alemanha encontra hoje, novamente, uma frente única do povo finlandês contra a União soviética.

Correspondências

Taboeira, 15

Na capela de S.ta Maria Madalena realiza-se, no próximo domingo, a festividade a S. S. que constará de missa sonele, comunhão geral e outras cerimónias litúrgicas.

—Também nos dias 25, 26 e 27 tem lugar na mesma capela a festa da padroeira, metendo mais: procissão e arraial, com a assistência das músicas 1.º de Agosto, de Gaia, e Esgueirense.

E' juiz o sr. António Simões Aidos.

C.

ESTUDOS

O MAQUINISMO DA ALIMENTAÇÃO NA EUROPA CONTINENTAL

Até aqui, os povos da Europa apenas conseguiam obter do seu próprio solo 90 % dos produtos de alimentação, de que careciam. Os restantes 10 % tinham de ser importados dos países ultramarinos, sendo representados, na sua essência, por 10 a 12 milhões de toneladas de cereais (principalmente trigo) 5 a 6 milhões de toneladas de milho, 1,5 milhões de arroz, 2 milhões de oleos e gorduras, 4 5 milhões de produtos albuminosos para a alimentação do gado, 400.000 toneladas de cacau, 600.000 de café e 50.000 toneladas de chá, além de menores quantidades de várias especiarias. Uma perda destas importações não era perigosa, mas não deixa de significar uma restricção palpável, principalmente na hora presente com o bloqueio britânico. Havia, pois, motivo para procurar compensar esta falha. De resto, o continente europeu tinha possibilidades de alimentar os 300 milhões de habitantes que nêle vivem, segundo diz o prof. Schürmann, da Universidade de Göttingen. Para desenvolver a produção na medida necessária, carece-se em cada país de uma poderosa actividade, por parte dos Govêrnos, cujo primeiro cuidado deve ser pôr à disposição dos agricultores os convenientes meios de produção, em adubos, sementes, gado de reprodução. Por meio do melhor adubamento com azotato e sais de potassa, já seria possivel aumentar uns 10 a 15 % o produção agrária dos países europeus presentemente mais desfavorecidos, o mesmo sucedendo no sector pecuario, desde que as raças de gado regionais fossem cruzadas com outras, para tal efeito adeqüadas. A-pesar da guerra actual ser dura, a Alemanha é um dos países que menos sofre de tal mal, visto desde há anos ter dado uma orientação metódica à sua economia agrária. O novo espaço a Leste da Europa, agora verdadeiramente explorado, encerra grandes possibilidades, no efeito de completar as necessidades de consumo europeu nas épocas futuras. E' claro que, um espaço que abrange metade da superfície da Europa, necessàriamente deverá fornecer excedentes, uma vez que se proceda a uma obra de organização conveniente, como requer a capacidade e a prática do povo russo, em proveito do abastecimento do continente com produtos de alimentação no volume desejado.

A MÃO DE OBRA NO ESTRANGEIRO

Foi sempre um problema que interessou os países que «davam» ou «recebiam» os trabalhadores. Mas, agora com a guerra, o problema tornou-se mais delicado, levando os países interessados na importação de mão de obra estrangeira, a estudarem e resolverem o caso com plena satisfação para ambas as partes. A Alemanha é, durante êste período de guerra, o país que maior número de operários e operárias estrangeiros tem recebido nos trabalhos da sua indústria. E' natural, pois, que os seus técnicos, desejosos de obter o máximo rendimento dêsses trabalhadores, tenham cuidado de lhes criar condições de vida que lhes permitam desenvolver as suas faculdades. Para os trabalhadores estrangeiros se sentirem bem, precisam do contacto íntimo com os seus patrícios, não pondo de parte a ligação com a vida social e cultural da comunidade, do povo alemão—já que se apresenta o caso na Alemanha. Quanto ao primeiro aspecto, parece ser a instalação de acampamentos a solução, onde é fácil organizar-se a vida quotidiana segundo os usos dos respectivos países, proporcionando divertimentos com artistas da respectiva nacionalidade. Porém, como não está no espírito de ninguém o isolamento dos trabalhadores estrangeiros, é preciso descobrir a forma de resolver o 2.º caso. E assim, o Dr. Heinrichsdorf afirma que o meio decisivo para êste caso é a língua alemã—se o trabalhador vive na Alemanha, por exemplo. Nesta ordem de ideias criaram-se cursos de língua alemã para os operários estrangeiros. Houve, evidentemente, que empregar métodos novos, diferentes dos usuais no ensino de línguas. A matéria de ensino é constituída pelos assuntos triviais e não permanece por muito tempo numa esfera teórica, visto que a missão é ensinar no mais curto praso de tempo e de forma que o aluno se saiba explicar.

E.